

ROMANCE

POR

UMA OBSCURA FLUMINENSE

VI



orto! meu pae!... (bradou Sophia) o que será de mim?

A criança, que docemente adormecia no collo de sua mãe, despertada por aquella dolorosa exclamação, soltou um grito tão doído, que dir-se-ia mais de remorso do que de susto, se a coitadinha tivesse concorrido para o crime de seus paes.

Sophia, no delirio da sua dôr, atirára com a innocente no soalho, se os braços de D. Angela não a-tomassem a tempo.

Prostrada ao cadaver de seu pae e abraçando-o pelos joelhos :

— Perdão! (clamava a desgraçada) perdão, meu querido pae; eu fui a sua cruel assassina!...

— Não, minha filha (bradou M...), não foste a assassina de teu pae; foi meu filho... Não, tambem, não foi elle (proseguiu com cólera), porque não sou eu o pae d'este assassino, d'este monstro, tão indigno da minha presença, que se eu não o-expulso já e para sempre d'esta casa é porque o vil ainda tem mãe!...

— Basta, meu pae (disse Lucinio submisso), ou não basta ainda; tenho consciencia de que mereço mais : perdóe-me, entretanto. Eu não pensei no

que fiz, foi uma loucura; ainda é tempo, porém, de remediar-se o mal proveniente de semelhante loucura: o dever me ordena, meu pae consente, eu casarei de boa vontade com Sophia.

— Bem (disse D. Angela); basta M... eu ainda sou a mãe de Lucinio.

Sete dias depois, os amigos de M... são convidados para assistirem um officio divino, que elle mandava celebrar, pelo repouso eterno do seu fallecido sogro. Sophia já era, de facto, esposa de Lucinio.

E eis ahi, em resumo, toda a historia da camponeza, a historia de minha mãe, até o dia em que eu tinha tres a quatro mezes de nascida.

Foi ella mesma quem m'a-contou alguns dias antes da sua morte, e eu aqui a-repito como prologo da

HISTORIA DA MINHA MOCIDADE

CAPITULO PRIMEIRO

Até os oito annos da minha idade, ainda vivião meus avós.

Meu pae, que não chegára a concluir os seus estudos em consequencia de ter perdido o último anno de direito que lhe faltava da Academia de S. Paulo, era então o principal gerente dos negocios da casa de meu avò.

Eu estudava como interna de um collegio onde aprendia com gosto e progresso. N'essa idade já sabia lêr correctamente, tocava alguma cousa ao piano, bordava e começava a traduzir o francez.

Ainda me lembro de ter ouvido um dia dizer a directora do collegio á meu avò :

— Snr. M..., se a sua neta continuar com o progresso em que vai, póde contar que aos dez annos de idade estará apta para tão bem como eu dirigir este collegio.

Ainda que minha mestra não exaggerasse, não podia ir ávante aquella benevolente profecia, pois aos dez annos eu já não tinha mais o avò de quem partia todos os desvêlos sobre a minha educação.

Arrebatado pela morte e pouco tempo depois sua mulher tambem, o maior damno que produziu essa irremediavel perda recaiu principalmente sobre nós—eu e minha mãe.

Não se disséra sem fundamento que eu ficava orphã e ella viuva. D'ahi em diante, meu pae soltou as redêas da indifferença, ou antes do rancor, com que nos olhava.

À seus olhos, minha triste mãe era um enorme pêsso e eu um traste sem valor!

— Não quero que esta menina vá mais ao collegio (disse elle a minha mãe, quando eu ainda estava em casa de nojo pela morte de minha avó; fazia seis ou sette mezes que meu avô tinha morrido). Já está muito crescida e mesmo não precisa saber mais do que já sabe. A snra. nem sabe lêr e vive bem sem isso.

— Mas eu ainda não sei nada, papae (repliquei eu).

— Pois vá aprendendo a arranjar a casa (tornou elle com fôrça).

— E tambem a chorar, minha filha (disse minha mãe a meia voz).

— E tambem a chorar (repetiu elle e sahíu).

Pela primeira vez, afigurou-se-me então que minha mãe não era feliz.

— Elle tem sido sempre assim máo, mamãe (perguntei-lhe affagando condóida as suas lagrimas com os meus beijos).

— Não, minha filha, teu pae nunca foi máo (respondeu a infeliz).

— E porque mamãe está chorando? (repliquei).

— Pois eu lá estou chorando, minha filha? (tornou ella, cuidando occultar os seus pezares com um sorriso forçado).

— Mas (continuei), porque papae não me assenta nos seus joelhos, como os paes das outras meninas fazem quando vão vel-as ao collegio, e não conversa comigo? Porque eu não vejo elle sahir com mamãe ao passeio e não ri tambem como faz o director do collegio com a directora? É porque elle não é bom.

Lembro-me d'estas perguntas como se m'as-fizessem hoje, e bem da resposta de minha mãe.

— Não é, minha filha, já te disse que teu pae nunca foi máo, e tu deves acreditar tudo o que tua mãe te disser, e não pensar nunca que haja paes máos para os seus filhos e nem maridos para as suas mulheres. Como queres tu que teu pae ande alegre e rindo com tão grandes desgostos que em um só tempo tem tido? Tu sabes o quanto elle era querido por teus avós; teus avós morrerão, como ha de teu pae andar contente? Só se elle fôsse um máo filho, o que não é.

— Mas (repliquei ainda), eu estou agora bem lembrada que no tempo de meu avô nem por isso papae me amimava.

— É que tu já não te lembras (tornou minha mãe); eras n'esse tempo muito eriança, não podes te lembrar de cousa alguma.

— E o collegio? porque é que papae não quer que eu vá mais ao collegio,

quando eu tenho tanta vontade de aprender? Agora as outras meninas dirão que eu sou uma preguiçosa e a directora me chamará de vadia.

— Estudarás em casa contigo mesmo, minha filha, e lá o que disserem as outras meninas deixal-as dizer.

E, sem dúvida, porque eu não continuasse com as minhas perguntas, entre as quaes muitas facilmente objectávão as respostas de minha mãe, ella ergueuse disfarçadamente. Só, entregue tristemente aos meus pensamentos de menina, apertou-se-me o coração com mêdo de meu pae e senti a mais viva saudade das caricias de meus avós.

Contemplei minha infeliz mãe na minha imaginação, não com esse doce arroubo da filha que se revê no semblante materno, mas com o olhar do medico que fita o rosto de um doente.

Vi-lhe a fronte pallida, as faces encovadas e os olhos humedecidos, como quem se definhava lentamente ao rigor do que quer que fôsse e que lá comsigo calava.

— Minha mãe não é feliz? (preguntei ao coração).

E como que ouvi — não.

E chorei, chorei suffocada, porque senti dentro em meu peito estalarem todas as fibras.

N'esse momento a triste appareceu, e dando comigo a chorar :

— Julia, porque choras, minha filha? (perguntou).

— Choro e chorarei (respondi, com o tom da voz de quem tem certeza no que diz); choro, porque mamãe não é feliz como as outras. Não é, não é, o coração me disse.

— É verdade, minha boa filha (respondeu ella, beijando-me os olhos e soluçando comigo), nós somos duas malfadadas!... Mas, consolemo-nos, porque outras ha mais infelizes e sobre todos nós vela a Providencia de Deus.

— Má! e porque não me disse á mais tempo?

— Obrigada, minha filha, obrigada. Agora já não sou tão infeliz como pensavas; em ti mesma vejo o remedio para os meus males.

— Teu pae, minha Julia (proseguíu ella depois de me beijar muitas vezes nos olhos), tem razões de sobra para não nos amar muito; um dia, quando tiveres mais idade, eu te farei ver qual o motivo. Comtudo, minha filha, elle é teu pae, e é teu dever amal-o muito. Desde o dia em que abandonares esse dever, não velarão mais sobre ti os olhos da Providencia. Dize, Julia, promettes a tua mãe que has de amar muito a teu papae e ainda mesmo sendo elle máo para ti e para mim?

O que não ha de prometter uma filha a sua mãe quando esta pede banhada em prantos?

CAPITULO II

Cêrca de sete annos, vi minha mãe, martyr dos féros caprichos de meu pae, tragar resignada a tãça dos amargores da vida que elle, sem piedade, de dia em dia fazia transbordar mais.

Não sei dizer qual de nós padecia menos, se ella que padecia por si e por mim; se eu que padecia por mim e tambem por ella; sei que muitas vezes invejámos reciprocamente a sorte dos nossos proprios servos, indubitavelmente mais felizes do que o-éramos.

Um dia em que, sem ter mais palavras consoladoras que lhe dirigisse e lagrimas para misturar com as suas, eu a-vi quasi moribunda, n'um arrebatamento de desespero corri ao gabinete de meu pae, entrei como doida e clamei soluçando a seus pés :

— Oh! meu pae! já, por piedade, basta de tantos martyrios! o que lhe fizemos nós para tão cruelmente nos atormentar? Meu pae! se não lhe commovem o coração nem as lagrimas da filha nem as da esposa moribunda, commova-o, ao menos, a resignação das victimas! Por Deus, por meus avós, meu pae, descarregue sobre mim, só sobre mim, todo o seu odio... mas, tenha piedade de minha pobre mãe!... Sim, meu pae, piedade, piedade para ella, meu querido pae!...

— Arre! com a comédia! (bradou elle, dando tão fortemente com os punhos sobre a mesa junto da qual lia que o soalho todo estremeceu debaixo dos meus joelhos).

— Meu pae...

— E ainda está aqui! (tornou elle). Já e já da minha presença, olha que eu...

Encarei-o; tive medo dos seus olhos e corri para o quarto de minha mãe.

Havia perto de um mez que a malfadada gravemente enferma, jazia na cama.

— Julia... (murmurou ella ao ver-me); onde estavas, minha filha?... Vem te assentar bem junto de mim... a febre vai esfriando, e quando esfriar de todo, tu já não terás mãe...

Ajoelhei-me a sua cabeceira, tomei-lhe as mãos, que já estavam frias como gelo e vi que em seu semblante começava a apparecer a pallidez da morte.

— Oh! minha mãe! minha mãe! (gritei com toda a força do maior desespero da minha vida).

— Não grites assim, filha (tornou a moribunda); olha que podes afugentar

a morte e tu bem sabes que eu preciso d'ella... Que é d'aquelle livro em que nós encontrávamos tantas consolações? anda, vae busca-o, vem lêr a minha cabeceira, com essa voz de tu'alma que tão doce eala em meus ouvidos... tu has de lêr sempre esse livro, não, minha filha?... tu dormirás com elle debaixo do teu travesseiro, para que ninguem t'o-roube, sim?... Anda... lê... mas, lê baixinho, baixinho, só para minh'alma...

Minha mãe fallava da Biblia, unico livro que conseguí subtrahir dos olhos de meu pae.

— Mamãe (tornei contendo os meus gemidos), amanhã eu lerei; vamos primeiro cuidar das suas melhoras... eu vou buscar um caldo...

— Não, filha! (tornou com vehemencia) não me deixes... quero até o ultimo instante que estejas perto de mim... Espera mais esse instante, e depois tu serás livre... mas, não! ainda não! tu não podes ser livre em quanto tiveres pae... Tu não abandones nunca a teu pae, Julia, elle é o unico arrimo que te fica sobre a terra... e é este o derradeiro pedido de tua mãe...

Houve um momento de silencio. E em quanto eu suffocava a dôr do coração, minha mãe murmurava phrases que eu não podia entender.

Depois, fazendo grande esforço, ergueu um pouco a cabeça e tomando-me as mãos, tornou desfallecendo :

— É agora, filha, é já! Vão-se, enfim, acabar os soffrimentos... toma este beijo... é o do amor de mãe... agora, dá-me o do teu amor... e... recebe este para teu pae...

N'este tempo, meu pae entrava no quarto. Eu ainda beijava os labios de minha mãe.

— Eis ahi a razão (disse elle com ferocidade), porque a casa anda ao Deus dará! Perdem o tempo segredando no quarto a mamãe com a filhinha, em quanto...

— Meu pae! (respondi de pé e firme) já não segredava com minha mãe, recebia o seu derradeiro adeus, — ella está morta!...

— Bem (disse elle sahindo); agora faltas tu.

CAPITULO III

Era de mais!

No auge d'essa dôr sem nome, cega pelo desespero, sem saber o que fazia, corri até a porta da rua, e, sahindo como louca, fui entrar na primeira casa cuja porta encontrei aberta.

Érão mais de onze horas da noite. Subía os primeiros degráos da escada, quando ouvi atraz de mim alguém perguntar :

— A quem procura?

Era um homem já bastante idoso, trajando decentemente.

— Um... padre (respon-di, sem consciencia).

— Aqui não mora nenhum padre (tornou elle).

— E o que é vossa senhoria?

— Eu sou medico.

— Então, poderá... mas, não...

— Falle, minha filha (instou com affabilidade e mirando-me de alto a baixo), diga, o que quer?

— Eu quero um padre, senhor... um padre que me aconselhe.

— Eu supprirei a falta do padre, se quizer. Os medicos tambem sabem aconselhar e na minha idade até os carvoeiros. Vou mandar abrir a sala e fallaremos a vontade.

E subindo adiante, gritou do alto da escada :

— Anna... Anna...

— Abra a sala (disse a uma mulher branca, que veio ao seu chamado), e accenda as velas.

Elle tinha a voz tão doce e affavel, os olhos tão benevolentes e na fronte larga e respeitosa um que tão saliente de bondade, que eu, sem saber o que queria, resolvi logo comigo, crendo ter encontrado uma creatura piedosa, fallar-lhe francamente da minha deploravel posição.

Entrámos para a sala.

— Não tenha mêdo (começou elle, chegando a sua cadeira para mais perto de mim); falle sem temôr, como se fallasse com seu pae... mas, reparo... meu Deus! porque tem os olhos tão pisados?...

— Ah! snr. doutor, creio que é pelo muito chorar...

— Então, tem chorado muito? Porque? Diga, porque tem chorado muito e porque chora agora?

— Porque muito tenho padecido, snr. doutor.

— Que idade tem?

— Quinze annos.

— Ainda tem pae?

— Sim, senhor.

— E mãe?

— Mãe... (e acabei soluçando); agora mesmo expirou...

— Agora?...

— Agora... mesmo... (e continuei a chorar).

— Chore (disse o doutor commovido), chore; suas lagrimas são justas e abençoadas, minha filha. Eu não direi nunca a pessoa alguma — não chore — quando chorar por sua mãe.

— Obrigada, snr. doutor; talvez fôsse a alma d'ella que me trouxesse á sua presença. Eu vejo nos seus olhos, a travez das minhas lagrimas — a compaixão para os orphãos (disse e continuei a chorar).

— Entretanto (tornou o doutor depois de algum silencio), não convém morrer desfeita em lagrimas; lembre-se que, ao menos, ainda tem pae : outras vivem sem um nem outro arrimo, porque Deus é o mais seguro arrimo dos orphãos. Diga-me, minha filha (prosegiu tomando-me as mãos com bondade), pois, se ainda tem pae, porque sahíu a estas horas de casa procurando um padre que a-aconselhe? O que intenta fazer, o que a-levou a dar este passo?

— Snr. doutor (respondi), já que vossa senhoria mostra ser tão piedoso, deixe que eu lhe revele os meus soffrimentos. Ter eu pae e não ter, snr. doutor, é a mesma cousa. Não sei porque, ou, antes, por motivos de familia os quaes meu pae foi o primeiro a provocar, eu e minha mãe fomos até hoje as míseras victimas dos seus mais inhumanos e desastrados caprichos. Até a última hora, até o último instante de vida, a malfadada, com resignação de santa, bebeu, gotta a gotta, todo o fel de que meu pae lhe inundava os dias da existencia. Cançada, sem ter mais forças para soffrer, morreu, afinal. E, isto é o que me dóe mais, snr. doutor, expirando mesmo no abandono, dirigiu o seu derradeiro adeus a meu pae, e elle, tão máo, tão barbaro que, ainda no momento em que minha triste mãe expirava, lá, no seu leito de morte, foi insultal-a! E dizendo-lhe eu que minha mãe já estava morta, respondeu a sangue frio, como não respondêra um tigre, — agora faltas tu!...

— Oh! crueldade! (bradou o doutor).

— Mais do que crueldade, snr. doutor! este proceder de meu pae já não tem nome!... Eu lhe perdôo, porém, como minha mãe lhe perdoou. O que não posso, o que já não posso, snr. doutor, é continuar a viver com elle..... Snr. doutor, eu quero fugir de meu pae, porque eu sou a indefensa ovelhinha que foge das garras da panthera! Mas, minha mãe o último conselho que me deu foi que não o-abandonasse nunca. Dê-me um conselho, pois, snr. doutor, eu devo seguir o conselho de minha mãe?

— Sim, minha filha (respondeu elle).

— Ah! (repliquei) então, vossa senhoria não acredita?...

— Acredito, minha filha, dobradamente do que escuto. Leio no seu semblante a negra historia dos seus soffrimentos; eu sei que ha paes máos e perversos, surdos á voz da natureza, á religião e á sociedade, e seu pae será um d'elles : todavia, não sáhia da casa de seu pae...

— Mas, snr. doutor (repliquei), eu não fujo da casa de meu pae, eu...

— Foge do seu algoz (interrompeu elle); estou certo disso. Vamos, entretanto obrar prudentemente. Vamos (proseguiu levantando-se), eu chamarei seu pae a rasão...

— Não... não... (bradei) eu tenho mêdo de morrer, snr. doutor...

— Elle não a-matará. Sob minha palavra, amanhã elle será outro, ou então a justiça entrará portas a dentro de sua casa. Depois, o mundo não terá o que exprobrar a infeliz victima. Vamos, quem é elle?

— Chama-se Lucinio Gonçalves; mora perto d'aqui.

— Lucinio Gonçalves! (repetiu o doutor com espanto). Coitadinha... quanto deve ter soffrido esta creatura... Deixe-se ficar, minha filha, agora não iremos mais. E eu sem saber que elle tinha mulher e filha em sua companhia... coitadinhas...

— Conhece-o, não, snr. doutor? (perguntei com commoção).

— Pois, não hei de conhecê-lo? ha tanto tempo que sou seu medico! Sente-se, minha filha, sente-se... ora que pena...

— Mas, snr. doutor, eu não comprehendo...

— Não tem o que comprehender, menina; ha muito tempo que seu pobre pae está completamente — louco.

— *Continúa.* —





MOSAICO

CONVERSÕES DE PHILEMON E ARIANO



Por elos annos da vinda do filho de Deus ao mundo, 287, imperando Diocleciano, ferocissimo adversario do nome christão, Ariano seu amigo e privado, constituido presidente da Thebaida, por lhe dar gosto perseguio em Antinopolis com todas suas forças a christandade. E espalhando-se varios por varias partes, como gado a quem açouta o furor da tempestade, só trinta e sete clerigos mostrárão maior constancia, os quaes por essa causa forão encarcerados. Entre estes um diácono, por nome Apollonio, vendo os crueis, e exquisitos tormentos que se-preparávão, temeu-se da sua fragilidade, e para evadir o perigo de negar a Christo, não se achando com bastante ânimo de o-confessar a tanto custo, inventou o seguinte arbitrio. Havia na mesma cidade um farçante, por nome Philemon, insigne chacorreiro, e tangedor de frautas, e por estas prendas mui accito a todo aquelle povo. A este mandou chamar Apollonio, e corrompendo-o com ouro, conchavou com elle, que disfarçado fôsse em seu nome tributar aos idolos a adoração, que o tyranno pedia. E com effeito Philemon, deixando ali as suas frautas, tomou um vestido, ou capa de Apollonio, e compareceu em presença de Ariano.

— Quem és? (perguntou o presidente.)

Os ministros de justiça, que lhe assistião, dissêrão :

— Pelo traço parece christão.

— Pois se é christão (tornou elle), dizei-lhe que sacrifique.

N'este ponto (oh! maravilhas do dedo de Deus, muito maiores, que aquellas, que em outro tempo obrou no mesmo Egypto!) Philemon mudando de intenção, e fazendo já deveras, o que vinha a representar só na apparencia, respondeu animoso :

— Christão sou, e porque o-sou, não quero sacrificar.

— Sacrifica (instou o tyranno), e forra-te aos tormentos, com que viste ha pouco acabar miseravelmente a Asclas, e Leonides.

Respondeu o santo :

— Apparelhado estou para passar por onde elles passarão a trêco de chegar onde elles têm chegado. E vergonha havias tu de ter de me-allegares com o santo Asclas, lembrando-te do que passaste com elle, quando não podias passar o rio. A todos nos lembra muito bem, que o santo Martyr apostou contigo, que tu á fôrça de tormentos o não farias adorar os deuses falsos, e elle á fôrça de orações te havia de fazer confessar a Christo por Deus verdadeiro. E com effeito elle sahiu com a sua, e tu não : porque vindo tu passando o rio, elle cuberto de chagas, e com os ossos, e entranhas a apparecer, tirando fôrças de fraquesa, se levantou a orar, e pediu ao senhor que não pòdesse chegar a terra, sem primeiro confessares seu santo nome. Os ventos estavam espertos, as velas estendidas, os remeiros promptos; mas a barca se tornou immovel, e o mesmo succedeu a quantas mudaste, até que enviaste a pedir-lhe partido, e elle te mandou, que por escripto confessasses a Christo por um só Deus verdadeiro, creador de todas as cousas. Assim o-escreveste, e assignaste, e logo a barca navegou : mas tudo attribuíste depois aos podêres de arte magica, e consummaste a sua coròã de martyrio.

A estas razões o tyranno, fazendo-se desentêndido, tornou á sua teima, dizendo :

— Sacrifica, e salva a tua alma.

— Isso faço, porque não ha melhor salvar a alma que dal-a por Christo.

Então o presidente disse em segredo para alguns dos seus officiaes :

— Chamae aqui logo a Philemon, porque elle com suas graças, e tregeitos, e musica dulcissima, sem dúvida ha de amansar a este imperrado.

Buscado Philemon onde não estava, como havia de apparecer?

— Senhor (dissêrão os officiaes), não o-pòdemos achar.

Tinha elle um irmão, chamado Theoa, ou Theonas; a este perguntou o presidente:

— Que é feito de teu irmão?

E elle como sabia do disfarce, respondeu logo :

— É esse, que ahi está em tua presença.

Foi logo descoberto, e conhecido; e o presidente, entendendo que o-lisera por via de entremez, para dar que rir a todos, desfechou a rir, e disse :

— Já sabemos que és nascido para nos alegrares, e espojares com riso; mas digo-te, que antes te dera uma de tres filhas, que tenho, do que fazer aqui desprezível minha dignidade, e officio com semelhantes chanças. E porque acaso os christãos (que tudo fazem mysterio), não presúmão que procedias devéras, mando-te que sacrifiques diante d'elles.

Respondeu o santo : — De mim faze o que quizeres : sacrificar digo que não quero, porque já a graça de Christo pegou de mim, e nem posso, nem quero soltar-me d'ella.

— Conjuro-te (tornou Ariano), pelo estado, e glória dos Romanos, que deixes zombarias, ou que nos digas se affirmas ser christão com ánimo verdadeiro.

Respondeu o santo :

— Que tenho eu com o estado, e glória dos Romanos? Juro pela glória e estado dos christãos, que fallo devéras, e que sou christão, e que não ha outra cousa; e nada temo; porque quanto mais perder pelo amor de Christo, mais ganho.

Qual thesouro de occulta polvora, que chegando-lhe o cordel accesso, concebe, e pare de repente com gritos do colerico elemento, globos de impetuosas lavaredas, que ameação, e execução juntamente estragos, ruinas, e mortandade : tal a ira no malicioso peito do tyranno. Tanto que deu credito a este último desengano, prorompeu em acções precipitadas, e ardentes desejos, effeitos de vinganças. Só duvida, e pergunta ao povo, qual será melhor : se cortar de um repentino golpe aquella vida perfida, se dar-lhe morte lenta, para prolongar a pena. Mas o povo assustado levanta o clamor dizendo : Não prives a cidade toda das suas delicias, e alegria. Outros chorávão, ministrando-lhe o falso amor, que lhe-tinhão, lagrimas compassivas da fatal desgraça, que n'elle suppunhão. E Ariano voltando para o martyr :

— Teu coração (lhe disse), compete com os bronzes, e os-vence; pois não amas esse commum amor, nem estimas, que te estimem. Sacrifica, te rogo : não agúes, nem derrames fel sôbre as festas, que brevemente esperamos.

Respondeu o santo :

— Essas festas, que dizes, não concordão com as do céo : antes quero faltar áquellas, para ser mais digno de me achar n'estas.

— Aqui ministrou o espirito maligno ao impio presidente uma lança mais aguda, que vibrasse contra a constancia do generoso martyr. Saliu pois dizendo :

— Adverte bem, oh ! Philemon, que tu, não sacrificando, perdes as felici-

dades d'este mundo, e mais as do outro; as d'este, porque te hei de matar a tormentos; as do outro, porque não és ainda baptisado; e vós outros affirmas, que não ha entrar no céo sem baptismo.

Não sabia ainda Philemon, que bastava o baptismo de sangue, e o de fogo, que são o martyrio, e a contrição, com o desejo do baptismo de água. E assim ferido altamente seu coração com esta palavra, começou o pulso de seu esforço, e alegria, a padecer intercadencias. Voltando pois para os christãos, que entendia estarem ali occultamente confusos com a mais turba, disse anciado:

— Chamem-me algum fiel, que me baptise, porque estou em tribulação, e necessito das armas d'aquelle sacramento.

Esperava resposta: mas calarão todos; porque ninguem ousava a fazer rosto ao furor do tyranno, e queria Deus obrigar-se a mostrar por modo mais glorioso, como ampara fielmente aos que n'elle confião.

Entretanto Ariano, fazendo coragem propria da covardia alheia, insultava dizendo:

— Tu bem vês, que ninguem se atreve a fazer opposição, nem a este magnifico tribunal, nem áquella manifesta verdade: portanto, rende-te, sacrifica.

Mas o santo, vendo-se cercado por dentro de dúvidas, por fóra de ameaças, fugiu para o seu mesmo coração perplexo, e ali, levantando um invisivel oratorio, fallou com Deus á puridade, dizendo:

— Senhor meu Christo Jesus, não consintas no coração de teu servo esta tristeza: dirige, e governa meus caminhos, de sorte que possa pelo meio d'esta turba sahir a receber a graça do baptismo.

Obedeceu Deus á voz do homem; porque a oração participa do mesmo Senhor, fôros de omnipotente. Veiu uma nuvem invisivel, e encerrando em si a Philemon, o-levou onde um clerigo estava acaso á margem d'um rio: pediu, e recebeu o baptismo: e dentro da mesma nuvem tornou a ser repostado no mesmo tribunal, sem alguém haver sentido a sua ausencia; porque a graça do Espirito Santo não reconhece necessidade de tardanças; nem ha difficil cousa alguma para o Senhor, que de nada fez tudo, só com sua vontade.

Armado já o cavalleiro de Christo com as armas brancas da nova, e reluzente graça do baptismo, revirou sobre Ariano os insultos, e improperios, que d'elle até ali padecia.

— Eis-aqui (dizia), ó Ariano; eis-aqui, ó turba de pouco ánimo, como sem mercê vossa sou christão baptisado: porque veiu meu Deus, que a ninguem teme, e me concedeu o que tanto desejava: já agora, ó presidente, sabe que nada da perfeita religião christã me falta. Portanto, determina-te no que has de fazer; que a detença está só da tua parte.

— Duas cousas (respondeu o tyranno) me retardão; uma comiserção, e

mágoa de vêr que indo; deceste : outra, a pena, que este povo ha de ter na proxima solemnidade, quando te não vir dançar no theatro, e achar a grande differença d'outros imperitos, tocando as tuas frautas.

Isto dizia aquelle impio, suggerido da fraudulencia diabolica, para lhe metter saudades dos passados gostos, e recordação vangloriosa da estima, que entre todos lograva. Porém, o santo, advertindo por onde o inimigo lhe mettia esta ponta, acudiu ali prompto com o reparo. E doendo-se dos publicos escandalos, que com o torpe officio de comediante tinha causado, chorou, e orou dizendo :

— Senhor Jesus Christo, não permittas que pensamento algum de infidelidade corrompa o meu coração : e pois ouvistes meus rogos, para me purificar com água, agora, os-ouve tambem, para destruir com fogo aquelles infames instrumentos do peccado.

Poz o Senhor a ésta petição o despacho de como pede. Veiu outra nuvem, não d'água, mas de fogo, ligeira carreta onde vinha cavalgado, e já assentado um corisco, que disparado tornou em cinza as frautas, vendo-o Apollonio, em cujo podêr estavam, e outra muita gente, e Theonas irmão do santo, o qual correu logo a dar ao presidente parte do succedido, denunciando-lhe juntamente como aquelle diácono dementára a seu irmão, e que o dar-lhe o seu vestido fôra supersticiosa cerimonia, com que o-dedicára a Christo.

Mandou logo o presidente, que Apollonio se apresentasse em juizo : e havendo este obedecido, não por fôrça, mas por vontade, diz-lhe com gesto irado e sanhudo :

— Maldito, mais que todos os nacidos, dá-me aqui razão, porque enfeiticaste o esposo, a glória, e as delicias d'esta nobre cidade? E com que funestos versos infernaes encantaste a tua capa, para o-apestar com ella, e tornar apostata de nossa divina religião? Se te moveu, como ouvi dizer, o horror dos castigos de minha justa indignação, e respeitosa severidade, que não achasse para substituir aos sacrificios pessoa menos conhecida, e necessaria que a de Philemon; e se o apêrto do tempo não deu lugar a diligencias mais tardias, e eleição menos errada, não podias occultamente abrir-te comigo, sem carregares delicto sobre delicto, ficando agora mais encravado na tua condemnação, e mais indigno de minha clemencia? Porém, é tal a de nossos sacratissimos principes, que ainda te abre o escape, e te offerece um livramento, que é sacrificares : porque d'este modo tu, e Philemon com teu exemplo, ambos ficareis remediados ; e eu, e este povo nos daremos por bem ressarcidos. Resta que não desdenhes tão salutifero, e opportuno conselho, nem da escada, que te lanço para subires, fazer mais alto o teu precipicio : porque pelos deuses immortaes te juro — ouve e attende bem — pelos da romana potencia te tórno a

jurar, que á tua custa experimentarás quanto tenho a mão pesada contra soberbos e rebeldes.

Ouvindo Apollonio esta parlada, respondeu com ánimo inteiro e pacato :

— Confesso na verdade que pequei; porém, não contra ti, senão contra meu Deus e Senhor Jesus Christo, fiando pouco de sua graça, temendo muito de minha fraqueza. Já o Senhor envergonhou, reprehendeu a um christão com um gentio, a um ecclesiastico com um leigo, a um diácono com um farçante, para que enfim conheça como elle é o que esforça, o que peleja, e o que vence em seus servos: e que, na sua mão omnipotente, o barro já não é barro, mas diamante, e as folhinhas seccas pôdem expugnar torres de bronze. Portanto, arrependido da minha culpa, confiu do perdão d'ella; e que m'o-póde facilitar a mesma occasião, que dei de nascer-lhe mais um martyr; glorioso titulo, de que se eu fugia solitario, agora o-venho buscar acompanhado; e ancioso anhelos já aos mesmos tormentos, que declinava tímido, para compensar d'algun modo, com a confissão presente, a passada deslealdade.

Com esta desenganada resposta, referviu a ira de Ariano. Manda a tres robustos soldados que esbofetem o rosto de Philemon, cuja perda mais lhe doía, e de cuja redução mais confiava. Chorava o povo, como se elle fôra o ferido : d'este nescio pranto fazia o astuto juiz torcedor para tratear e attrair o coração de Philemon. E aqui passou o que acima referimos no Apophtegma. E vendo a sua perseverança, e alegria no padecer, mandou que ambos fôsem furados pelos calcanhares com trados, e mettidas por ali cordas, arrastados pela cidade.

Executada esta pena pontualmente, forão outra vez presentados no tribunal, e o juiz com escarneo e mofa disse a Philemon :

— Que vai, amigo? onde está o teu Deus, que te acudiu em tão urgente necessidade? Porque não soccorre a seus adoradores nos principios do tormento? Dae-me ouvidos e sacrificae, antes que passemos adiante, quando ninguem vos possa livrar das minhas mãos.

Philemon n'este passo mostrando-se mais manso, respondeu :

— Se queres que te ouça, ouve-me tu primeiro.

Com esta razão se alegrarão muito, assim Ariano, como os do povo, que a-ouvirão, parecendo a todos, que já dava esperanças de se reduzir. E o presidente lhe disse, que declarasse o que queria, e sería logo servido.

— O que quero (continuou Philemon) é, que faças vir aqui uma caldeira grande, ou qualquer outro vaso de ferro, bem capaz, com sua tapadoura.

Dito e feito, logo o vaso foi trazido.

— Quero mais (proseguiu o martyr) que mandes metter dentro d'este vaso uma criança de peitos,

Assim se fez tambem : e todos os circumstantes estavam suspensos aonde iria parar esta prevenção, ou tramoia.

— Que pedes mais? (disse Ariano); e respondeu Philemon :

— Venhão os frecheiros do exército, com as aljavas bem providas, e atirem todos contra o caldeirão de ferro, até lhes faltarem settas.

Mandou o presidente que viessem e fisessem seu officio.

Depois, disse Philemon, que tirassem fóra aquella creatura, e vissem bem se estava viva, e se tinha alguma ferida ou nodoa. E como, feito o dito exame, lhe respondessem que estava viva, sã e illesa; voltando Philemon para Ariano lhe disse em tom mui descansado :

— Tu, juiz, me perguntaste ultimamente, onde estava o meu Deus, que me não acudira na minha grave necessidade : agora te respondo e satisfaço. Eu sou aquella creatura de peito, pois ha pouco que nasci pelas regenerantes ágoas do sagrado baptismo (ainda que tu o não viste) : e a protecção divina, que cêrca e defende a seus fieis servos, é mais que uma torre de ferro, e muros de diamante ; logo, que mal me podião fazer as settas da tua lingua, nem quantos tormentos inventar tua diabolica malicia e crueldade? Digo, pois, que não quero sacrificar, nem tenho mêdo á tua potencia, nem me aparto da fé de meu Senhor Jesus Christo.

Aqui Ariano, rangindo os dentes, chammejando pelos olhos, e escumando de bravo :

— Eia (clama aos verdugos) pendurae logo esse traidor em uma arvore, e todos outra vez sôbre elle disparem um chuveiro de settas, desde os pés até á cabeça.

Assim se fez recolhendo os soldados para esse effeito as settas do vaso, onde estavam pregadas. Despem, e pendurão o martyr em um momento : fervem os tiros, zinem as settas cortando os ares. Mas que succedeu? Oh maravilhas da protecção divina! umas, errado o alvo, empregão-se no tronco da arvore : outras, em chegando junto do corpo, perdem a fôrça, e caem em terra como desmaiadas ; outras ficão no ar suspensas, servindo só como de apontar áquelles barbaros idolatras, o que devião admirar n'aquelle maravilhoso objecto; a Philemon digo; o qual, entretanto, orava dizendo :

— Vinde, meu Jesus, amante da verdade : vinde em meu auxilio, protector dos desamparados : vinde e mostrae ao impio Ariano, como todos, os que em vós põem sua esperanza, não serão confundidos.

Faltando, emfim, as settas, sem que alguma se lograsse, forão os soldados dizer ao presidente o que passava; o qual, como attonito, disse :

— Ainda vive?

— Sim, snr. (respondem elles) vive, e está fallando cousas altissimas.

— Não o-posso crêr (tornou o tyranno) se o não vir com meus olhos.

Sahe á pressa de palacio, corre ao dito lugar, olha para cima, cae-lhe a prumo uma das settas, e vasa lhe o olho direito. Então, exagitado com a dôr, e correndo-lhe o sangue pelo rosto, soltou a maldicta lingua em muitas blasfemias; e depois, mandando despendurar o martyr, lhe disse :

— Onde aprendeste tão potente magica, se nunca trataste com christãos? O que importa agora é que me restituas o olho que perdi por tua causa, que bem sei que o-sabes fazer; e eu te soltarei.

Respondeu o santo :

— Se eu rogar a meu Deus, e te restituir o olho, é certo que attribuirás ás fôrças da arte magica : porém, comtudo, porque não digas que o meu Deus não pôde curar-te, ou que os seus servos dão mal por mal, digo-te que depois que me matares e enterraes, vás ao meu sepulchro, e da terra d'elle, feita lodo com ágoa, ponhas sobre o olho, e receberás luz, não só no corpo, mas tambem na alma, que é a de que mais necessitas. D'este dito não fez por então caso Ariano, mas querendo cortar dilacões sentenciou a final a Philemon, e Apollonio, que fossem degollados, e enterrados onde estavão os corpos de S. Asclas e S. Leonides. E assim se fez.

Tomemos agora nova respiração, para attender e admirar outra serie de não menores prodigios de bondade e omnipotencia divina. Ariano no seguinte dia, dando-lhe a sua vexação o entendimento, que sua crueldade lhe negára, começou (mediante a divina graça) a ponderar mais seriamente nas maravilhas e virtudes dos santos martyres, que tinha visto e experimentado. E como estava preordenado para a vida eterna por este meio, foi ao tumulto do santos, e tomou terra d'elle, fazendo lodo com ágoa, como S. Philemon lhe tinha dito, e poz sobre a parte lesa, dizendo :

— Em nome de Jesus Christo, por quem estes seus servos consummárão o martyrio, unjo os meus olhos, para ver e para crêr, que não ha outro Deus verdadeiro senão o mesmo Jesus. Disse, e ungiu, e logo lhe foi restituído o olho são e claro como antes o-tinha. E como as obras de Deus são perfeitas, do mesmo modo os olhos da sua alma ficarão tão esclarecidos como o lume da fé, como quando uma pessoa, sahindo d'uma escurissima masmorra, dá de repente com a claridade d'um formoso dia. Quem poderá explicar o gozo e jubilo, o pasmo e admiração, o louvor e agradecimento, e outros, e varios, e extensos affectos em que esta venturosa alma começou a inundar subitamente! Na mesma hora sahe do tumulto correndo e clamando pela cidade :

— Eu sou tambem christão; d'aqui por diante não sirvo senão a Christo.

Entra no seu palacio, abre os cofres e guarda-roupas, tira sedas e pannos, e aromas preciosos: envia a chamar a dous bispos; declara com elles o seu

ânimo rendido ao suave jugo da lei divina; roga-lhes, tomem a seu cuidado edificar, ornar e dar o devido culto ao sepulchro d'aquelles santos, que elle, quando cego com os enganos da infidelidade, martyrisára: e manda abrir de par em par os carcereos, e soltar todos os christãos, que ali tinha prisioneiros. Solemnissimo, e summamente regosijado foi este dia para toda aquella attribulada igreja, que não cessava de dar graças ao auctor de todo o bem poderoso, para fazer em um instante das pedras filhos d'Abrahão, dos espinhos flores, e da péor sisania o mais escolhido trigo.

Divulgando-se a fama d'esta insigne conversão do Prefeito, da grande Thebaida, chegou aos ouvidos do imperador Diocleciano, o qual, turbado com esta nova, despachou logo quatro protectores (d'elles o principal se chamava Theotyco): que chegados com ordem ao Egypto devassassem do caso, e sendo necessario, lhe trouxessem preso o Ariano. Entrão aquelles ministros em Antinopolis; consta-lhes claramente da verdade, prendem ao presidente, seguindo a ordem que trazião. Este, peitando-os, alcançou d'elles licença, para visitar os santos martyres, antes que se partisse para Diocleciano. E posto diante d'elles orou, dizendo:

— Gloriosos santos, consórtes da luz eterna, que mana do rosto de Deus! orae por mim a nosso Senhor Jesus Christo, para que me conforte, e faça digno de confessar constantemente seu santo nome!

N'este ponto sahiu do mesmo sepulchro a voz de S. Philemon, que lhe respondeu claramente:

— Tem ânimo, Ariano, e nada temas; porque o mesmo Christo, em quem crês, vai em tua companhia para te fortalecer, e mostrar por ti sua virtude diante do imperador, e consummado o martyrio, corôar-te diante do throno de seu eterno Pae. Roga por esses quatro homens, que viêrão em tua busca, que Deus os-faça tambem participantes do conhecimento da verdade.

Este maravilhoso oraculo e resposta ouvirão os protectores com grande admiração sua.

Ariano, não cabendo em si de alegria, e certo da sua fé, partiu com aquelles quatro ministros, para se embarcarem em Alexandria; e a oito de seus criados de maior confiança, que levava consigo, disse com espirito profetico:

— Esperae aqui, amigos, pelo meu corpo: porque a oito de março me mandará o imperador Diocleciano precipitar no mar, mettido em um sacco de areia, e d'ali a tres dias, que é a onze do mesmo, sahirá n'esta ribeira ás costas de um golfinho, perto do meio dia; portanto, guardae isto na memoria, e sahindo no dito dia e hora, recolhereis meu corpo, e o-levareis no mesmo sacco a enterrar junto do meu amigo Philemon. Recommendado assim este negocio, e havendo elles promettido fidelidade, partiu Ariano com aquelles

ministros, e finalmente chegou a apresentar-se ao imperador, o qual lhe fallou benignamente, dizendo por via de saudação cortez :

— Carissimo irmão Ariano, em quem confiava n'essas partes do Egypto...

E Ariano o-resaudou, dizendo :

— Carissimo senhor imperador, que estais feito guia do caminho, por onde hei de ir para a vida...

O imperador mandou que se lavassem ambos no banho, e aos sacerdotes de Apollo, que armassem um altar diante da porta do mesmo banho, com um idolo d'aquella falsa deidade, para que, ao sahirem adorassem e sacrificassem ambos. Assim se-fez logo; e ao sahir Ariano, disse-lhe o imperador :

— Sacrifica ao grande deus Apollo, antes que entremos a cear.

Respondeu elle :

— Não posso pôr em esquecimento e desprezo as maravilhas de Deus, que vi no Egypto, obradas pelos martyres de Christo : esse idolo é um cêpo lavrado à mão; não deixo por elle a meu Salvador Jesus.

Imaginava o tyranno, que á vista de sua imperial autoridade, junta com os termos de lhaneza, e á memoria da amizade passada, Ariano se renderia facilmente, como derribado com um sôpro. Porém, vendo sua determinação, e entendendo bem que esta sua resposta era já a última, deu ordem aos soldados que na mesma hora, accesos fachos, e fogareos (porque era já entrada a noite), sahisses ao campo, e fizessem uma cova bem capaz, e profunda. Assim se executou, havendo trabalhado n'isto até amanhecer. E n'este tempo sahiu o imperador ao campo com grande comitiva de officiaes de justiça, e guerra : reconheceu a altura da cova, que era mais de vinte covados : mandou sahir ao presidente da Thebaida, lançar-lhe grilhões, algemas, e cadeias de bronze, e pendurar ao pescoço uma grande pedra, e que n'esta fórma fôsse derribado no fundo da cova, e esta se entulhasse de terra, e pedras de sorte, que ficasse raza como antes. E feito tudo, como mandára, disse aos soldados, que calcassem em cima, dançando, e cantando esta letra : Vejamos se vem Jesus, a livrar o seu devoto.

Tomada esta vingança muito á satisfação de seu gôsto, montou a cavallo, e se recolheu a palacio, parecendo-lhe que tinha concluido gloriosamente a causa de Ariano. Porém, como Deus verdadeiro não é surdo, nem cego, como era o seu Apollo, e sabe tapar as bôccas blasfemas, que o-irritão, succedeu, que ao entrar o imperador na sua recamara, para tomar algum descanso, olhando para o leito viu na grade d'elle pendurados aquelles mesmos grilhões, algemas, e cadeias, e pedra, a que mandára amarrar a Ariano, e que este estava deitado na sua mesma cama, não só vivo, mas alegre, e confiado. Turbou-se o imperador; e o primeiro pensamento que lhe occorreu n'esta vista,

foi que algum de seus familiares palatinos tomaria aquelle atrevimento, ou lhe faria alguma traição : porém, o martyr :

— Não te turbes (lhe-disse, pondo n'elle os olhos), que ninguem se levantou contra ti : eu sou Ariano, a quem ha pouco deixaste debaixo de montes de terra, pedras, e areia, e carregado de ferros : mas porque disseste : vejamos se vem Jesus livral-o, com effeito, veio, e pôz o seu devoto n'esta cama a descansar um pouco do trabalho, para que vejas, se é imperador que prevalece sobre os imperadores, e se póde livrar os que n'elle põem sua confiança.

Estava o miseravel Diocleciano aturdido, vendo, e ouvindo estas maravilhas, mas não abrindo o coração ao desengano, entrou em maior indignação, e disse :

— Nunca vi tão potente arte magica!

E logo para os seus criados :

— O' lá! apparelhae em continente um sacco, e cozei n'elle fortemente a este magico, entulhando-o com arêa, e precipitae-o no mar.

Aqui os quatro protectores, que se achavão presentes, e tinham visto a maravilha, e pelas orações de Ariano andavão abalados, metterão a sua razão dizendo :

— Em que peccou, senhor, este homem de Deus, para o-mandardes assim lançar no mar?

— Por nenhuma outra cousa (respondeu o imperador), senão porque é mago.

Replicarão elles :

— Não é mago : servo de Deus, isso sim, e de um Deus, que por elle se-sujeitou á morte; d'um Deus que em um momento o-póde tirar debaixo de vinte covados de entulho, e deitar na vossa cama vivo, e descansado, como estais vendo, e já lá no Egypto ouvimos nós outro servo seu, já defunto, fallar de dentro da sepultura, respondendo ao mesmo Ariano palavras santas, e de edificação, e profeticas do que agora vemos ir succedendo. Não crêr o que os mesmos olhos estão testemunhando, vai da profunda malicia, com que um se faz indigno de conhecer a Deus; e portanto, nós, a quem sua misericordia alumiou sem merecimentos nossos, estamos apparelhados para entregar nossos corpos em seu obsequio, certos de que os-ha de ressuscitar para a vida eterna.

A estas razões respondeu Diocleciano :

— Já de tempos atraz podieis ter entendido, que me-ereis aceitos, pois nunca pedistes cousa, que vos não concedesse : agora farei o mesmo : desejais a morte, tel-a-heis, pois o-desejais. Theotyco, que era o mais autorizado, disse : Deus reprima, oh imperador, a malicia, com que não recusais deferir ao nosso desejo ; mas ainda tenho mais outro, que vos-declarar.

— Qual é? (disse o tyranno) proponde, e conseguireis.

— Quero (disse Theotyco), que a metade de meus bens tomeis para vós, adjudicando-a ao vosso fisco, e a metade se mande repartir entre pobres.

A isto sahirão os outros tres protectores, dizendo-lhe :

— Senhor Theotyco, cuidemos nós da nossa morte, que desejámos alcançar por honra de Christo; que este senhor cuidará dos seus pobres, como temos experimentado.

Suspenso o imperador com esta proposta, disse-lhe Ariano :

— Para que nos-detendes? que estão esperando as ondas do mar por nossa gloriosa partida!

Então elle mandou, que se preparassem outros quatro saccoes, tambem com areia, e que mettessem n'elles os quatro protectores, e lançassem logo no mar todos cinco.

E assim se fez. E logo, que forão lançados, eis vem cortando as salgadas escumas, com os collos erguidos, cinco golfinhos, que submettendo destralmente os lombos, cada um a seu sacco, os-tomárão como á garupa, e partirão ligeiros pelo rumo de Alexandria. Estavão ali no dia, e hora prefixa, aguardando pontuaes, e sollicitos os criados de Ariano, que esperando um só golfinho com um sacco, e vendo vir cinco com cinco, duvidárão, e diziam entre si : se será esta a profecia de nosso amo Ariano, e qual será d'estes cinco corpos? N'este tempo o golfinho maior se adiantou, e enorando no areal da praia, depoz a sagrada carga das reliquias, e abrindo a bõcca, sahiu d'ella uma voz humana, que dizia : Não duvideis : este corpo de Ariano : os outros quatro são dos protectores, que com elle forão d'este porto, e com elle no mesmo dia forão coroados de martyrio : leva-os todos ao sepulchro de Asclas, e Philemon.

Obedecendo, pois, aquelles servos a tão clara, e maravilhosa demonstração da vontade divina, recolherão com reverencia aquelles corpos, e em fórma decente os posérão em uma barca; á qual, mandando o que a-governava soltar as velas, apenas começou a navegar, quando sòbre todos os que n'ella ião, assim de gente do mar, como passageiros, veiu um profundo, e quieto somno, de que em tres dias com suas noites nenhum acordou; senão quando ao quarto dia soou uma voz, que dizia : Levantae-vos, que este é o lugar da sepultura d'estes martyres. Então abrindo os olhos, se-achárão impensadamente surtos nas ribeiras de Antinopolis. Os que saltárão em terra divulgárão logo o prodigio; a cuja fama alvoroçados todos os fieis, e até os mesmos gentios, concorrerão parte com palmas, e ramos, parte com cirios, e perfumes, e depostos os sagrados penhores sòbre altares, se formou uma numerosa procissão até o sepulchro dos outros quatro martyres Asclas, Leonides, Apollonio e Philemon; em cuja companhia forão collocados, obrando Deus, para maior honra de seus servos, e celebridade d'aquelle dia (que foi a 14 de março) muitos milagres, assim na repentina saude de varios enfermos, como na cura de muitos

energumenos, do que tudo redundarão grandes cumulos de glória para Deus, e de consolação, e augmento para aquella christandade.

PAD. M. BERNARDES.

FRECHEIROS

Pelo exercicio bem continuado (que é o melhor mestre, como lhe chamou Cicero) : chégão alguns frecheiros a tão feliz destreza, que tudo o que destinão com a vista, prégão infallivelmente com a setta. A Philippe rei de Macedonia pregou Aster Olinthio uma no olho direito : e porque não parecesse casual o tiro, escreveu primeiro n'ella este recado : — Aster a Philippe manda este portador da morte —

A Alexandre Magno foi apresentado um Indio, que passava a setta por um annel; se bem não quiz fazer a experiencia diante d'aquelle monarcha, por não aventurar a fama. Outro, por nome Avo, vendo, que seu competidor armava contra elle o arco, antecipando-lhe com summa agilidade, disparou o seu, e lhe cortou a corda; e logo segundou com outra, e lhe feriu a mão. Notavel foi tambem a dẽstreza n'esta arte do imperador Domiciano; o qual, mandando a um muchacho abrir a mão, e os dedos espalhados, entre dedo e dedo, sem os-offender, ia pregando as settas.

Mais feliz, porque mais perigosa, foi semelhante experiencia para um Gõdo por nome Tocho, que se jactou em presença d'el-rei Haraldo, de que, pondo-se qualquer pequeno pomo na ponta de um báculo, certamente o-cravava com o primeiro tiro. O rei barbaro mandou logo pôr em lugar de báculo a um filho do mesmo Tocho, e sôbre a sua cabeça o pomo; para que, se o-errasse, ficasse castigada sua jactancia! elle, pôsto em tão estreito apêrto, que havia de perder o crédito, se quizesse salvar o filho sem perigo, mandou ao moço voltar o rosto para a contrária parte, para que não tremesse ao vêr sacudir a setta; e o-avisou, que persistisse immovel com a cabeça direita, porque assim importava a ambos. E logo, com despejada confiança, tirou da aljava tres settas; e sem demora, por não fazer esperar mais ao palpitante coração do filho, assentou uma, e a-disparou tão innocentemente como lhe convinha, e como promettêra. Admirou-se o rei, e perguntou :

— Porque aparelhaste tres settas, se a experiencia devia fazer-se só com a primeira?

Aqui Tocho, formando da lingua tambem arco, e da palavra tambem setta, lhe disparou outra aiuda mais atrevida.



— Se errasse, lhe disse, com danmo de meu filho, as outras duas éráo para ti, e para alguem que por ti acudisse; pois não era bem, que a innocencia levasse a pena, e a violencia injusta ficasse impunida ¹

¹ Conta a historia caso identico de Guílherme Tell

Os arimaspos, povos de Scythia, na Moscovia, desde pequenos se costumão a fechar um olho, para reforçarem a vista do outro, e metterem a mira mais certa, ao disparar as settas. D'aqui veio fingirem, ou crerem os auctores, que esta gente não tinha mais que um olho. E Eustachio diz, que isto significa o seu apellido; porque Ari na lingua scythica quer dizer um, e Maspo quer dizer olho.

Nas ilhas Baleares, para costumarem os muchachos a acertar o alvo, não lhe dão de almoçar, até o não acertarem. Com que juntamente os paes atirão a exercitar os filhos, e os filhos a não ficar sem almoço. Mas não era d'estes o nosso frecheiro que feriu ao Cezar : antes pôde ser, que estivesse já almoçado, conforme a mão, e a vista trocarão os objectos ¹.

PAD. M. BERNARDES.

¹ Acima de todos, porém, esta a destreza dos nossos indigenas. A nossa gravura representa um *Cacique*, armado em guerra, da nação *Uerequéna* (no Amasonas), uma das mais destras no manejo d'esse instrumento.





PEREGRINAS

CANÇÃO DO EXILIO

Triste de quem dos seus lares
Peregrinando saíu,
E foi cantar seus pezares
Onde ninguém n-os-ouviu!

• •

De porta em porta batendo
Procurando um coração,
Vai-se-lhe a crença morrendo
Á míngua de uma afeição!

• •

Ninguém lhe pergunta a mágoa
Que o-definha d'onde vem;
Se lagrimas são ou ágoa
O pranto que os olhos têm!

* *

Ditosos os que têm lares,
Ditosos té no soffrer,
Podem cantar seus pezares
E alguem os-ha de entender.

* *

Triste é só quem dos seus lares
Peregrinando sahiu,
E foi cantar seus pezares
Onde ninguem n-os-ouviu!



SONHOS PERDIDOS

Como de um ramo viçoso,
Quebrado pelo tufão,
Flôres, folhas desprendidas
Vão pelos ares perdidas,
Dispersas, sem direcção ;
Assim meus sonhos de moço,
Todos elles assim vão!

* *

Ai! do ramo as lindas flôres
Nunca mais hão de voltar!
E as verdes folhas mirradas,
Dispersas pelas estradas
Hão de perdidas ficar!
E assim meus sonhos de moço
Não hei de vel-os tornar!

* *

Entre vós outros, ditosos,
Fui, co'a minha bastardia,
A festa dos namorados
Enramar sonhos dourados

JORNAL DAS FAMILIAS.

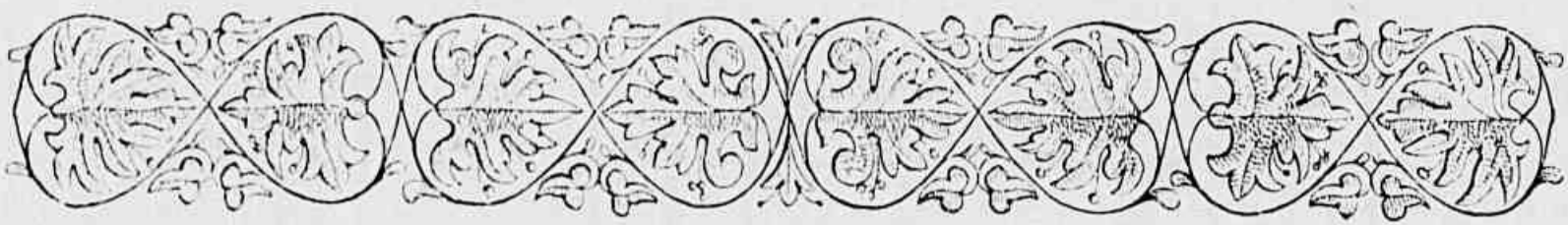
Nos vergeis da fantasia!
Mas, ai! no festim dos moços
Eu fui como a flôr de um dia!

* * *

De tantos sonhos colhidos
Já nem resta uma illusão!
De tantas flôres da festa
Só ella — a saudade — resta
De amôres que já lá vão!
E o mais aqui tudo é êrmo
Onde esteve o coração.

PEREGRINUS.





MEDICINA DOMESTICA

LENIMENTO CONTRA AS QUEIMADURAS



Tomem-se quatro ou cinco claras de ovo bem batidas e misturadas com seis onças de azeite de azeitonas ou oleo de amendoas doces. applica-se a primeira camada com as barbas de uma penna ou com um pincelinho, e logo que estiver secca applica-se outra, e depois d'esta, terceira e quarta, até que cesse a dôr; envolve-se então a parte com uma tira de panno de linho ou de algodão fino, e no fim de doze dias cairá o lenimento em escamas deixando o novo epiderme sem a menor cicatriz. Se a queimadura fôr extensa e tiver destruido o epiderme ou formado empolas, póde empregar-se o seguinte unguento que, estendido em panno de linho fino, se applica á parte, renovando o emplasto duas vezes por dia até á perfeita cura que será prompta.

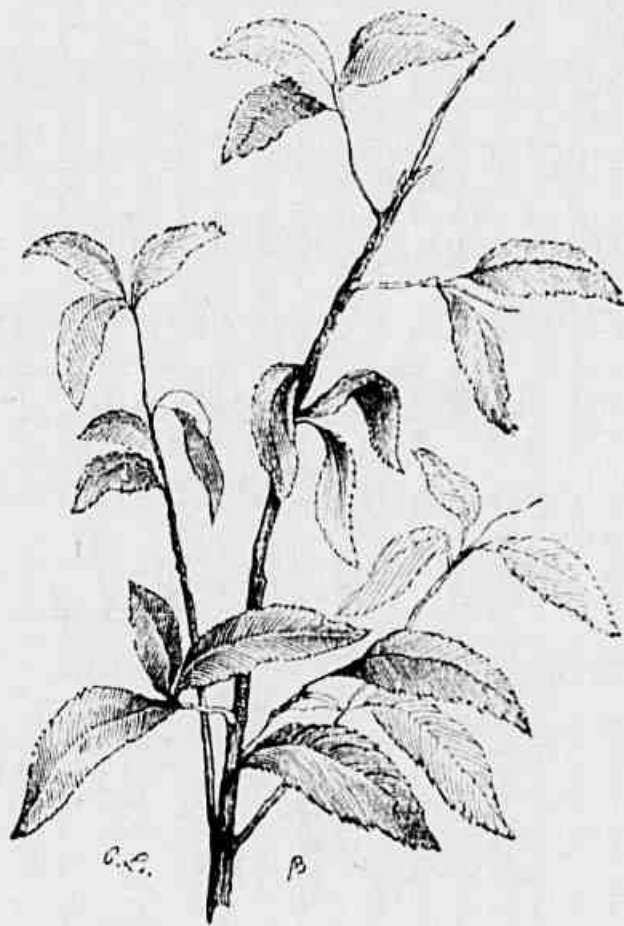
Tome-se uma onça e meia do melhor azeite de azeitona, uma dita de cera virgem, e duas gemmas de ovo endurecidas no borrarho; derreta-se a cera a fogo brando, e ajunte-se o azeite e as gemmas, mexendo tudo bem até adquirir a devida consistencia. É conveniente ter este unguento preparado de antemão.

— Um outro excellento lenimento para as escaldaduras e queimaduras as mais violentas é a mistura de ágoa de cal com oleo de sementes de linhaça. Quando nenhuma d'estas substancias está á mão, e em quanto se procurão, é

mui util envolver a parte em farinha, ou molhal-a bem com azeite. Se houver cenouras, uma cataplasma d'ellas pisadas será mui proveitosa.

MEIO DE DESTRUIR AS LAGARTAS

Duas libras de terebinthina fervida em seis libras de água he excellente meio de destruir as lagartas que dão nas couves e em outras plantas. Borrifão-se as folhas com esta solução depois de esfriar, pelas quatro horas da tarde. Outro processo mais barato, e não menos efficaç, he o seguinte. Deite-se cousa de doze libras de ferrugem de cheminé em cincoenta libras de água; misture-se bem agitando por quarenta e oito horas; então ajuntem-se vinte libras de água fervendo, e uma libra de acido vitriolico (sulphurico). Borrifão-se as plantas atacadas das lagartas com este liquido de dous em dous dias por espaço de uma semana. Este meio destroe as lagartas sem causar damno ás plantas, e póde igualmente applicar-se ás arvores para destruir os animaes que se lhe pegão e as-definão, usando de uma pequena bomba de mão.





MODAS

O verso do molde em papel amarello (modêlo I) consta das differentes partes do chambre (n^o 1).

O reverso consta do seguinte :

N^o 1. — Bordado de retroz sobre seda, para gólas de capas, etc.

N^{os} 2 e 3. — *Dito*, sobre escomilha, para collarinhos (vulgo pescocinho) de senhoras, meninos, etc.

N^o 4. — Fichu de lan.

N^o 5. — *M. G.* Iniciaes gothicas, ornadas, para bordar sobre escomilha, cambraia de linho, etc.

N^o 6. — Bordado sobre telagarça para um guarda-lettras, etc.

N^o 7. — *Dito*, de trancelim (soutache), para góla de chambres.

N^{os} 8 e 9. — Como os n^{os} 2 e 3.

N^o 10. — Carme (palavra do latim *carmen*, verso, canto); lettras gothicas.

N^o 11. — Tricot.

N^o 12. — Noé; lettras redondas.

N^o 13. — Cecilia; lettras gothicas, simples, com ornamento.

N^o 14. — Bordado para mantas.

N^o 15. — *M. V.* Iniciaes enlaçadas.

N^o 16. — Constancia; lettras inglezas, simples, para canto de lenços.

- N^{os} 17 e 18. — Bordado para lenços.
N^o 19. — *M. L.* Iniciaes gothicas, ornadas.
N^o 20. — *Ditas* enlaçadas.
N^o 21. — Outro bordado para lenços.
N^o 22. — *O. P. D.* Iniciaes inglezas, ornadas.
N^o 23. — Bordado sobre cambraia de linho para punhos de senhoras.
N^o 24. — *O. P. D.* Iniciaes gothicas, simples.
N^o 25. — *C. P.* *Ditas* inglezas.
N^o 26. — Bordado sobre damasco, etc.
N^o 27. — Como o n^o 25.
N^o 28. — Góla de chambre.





JORNAL DAS FAMILIAS

Fevereiro de 1863